

**CONTOS E ENSAIOS**

**URSULA K.**

**LE GUIN**

# Contos e Ensaios

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2026 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-096-8

*Translated from original Stories and Essays. The pieces included in this edition are copyrighted as follows, all by Ursula K. Le Guin: "The Ones Who Walk Away from Omelas" © 1973; "Vaster than Empires and More Slow" © 1975; "Is Gender Necessary? Redux" © 1976, 1988; "Introduction: On Not Reading Science Fiction"; "Another Story OR A Fisherman of the Inland Sea"; "Dancing to Ganam"; "The Shobies' Story"; "Unchosen Love"; "The Matter of Seggri" and "Solitude" © 1994; "Mountain Ways" © 1996; "The Birthday of the World" © 2000; "Paradises Lost" © 2002. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L522c

Le Guin, Ursula K.;

Contos e Ensaios (1973-2002) / Ursula K. Le Guin; tradução de Marcia Men. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Morro Branco, 2026.

544 p. : 13,7 x 21 cm.

ISBN 978-65-6099-096-8

1. Ficção Científica. 2. Fantasia.  
3. Contos norte-americanos 4. Ensaios literários.  
1. Título. II. Men, Marcia.

CDD 813.54

### Índice para catálogo sistemático

1. Ficção norte-americana contemporânea (813.54)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Coordenação Editorial:** Beatriz de Assis e Illysabell Trajano

**Tradução:** Marcia Men

**Copidesque:** Nathalia Marques

**Revisão:** Ellen Andrade

**Diagramação e capa:** Natalia Silva



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



Editora  
afiliada à:



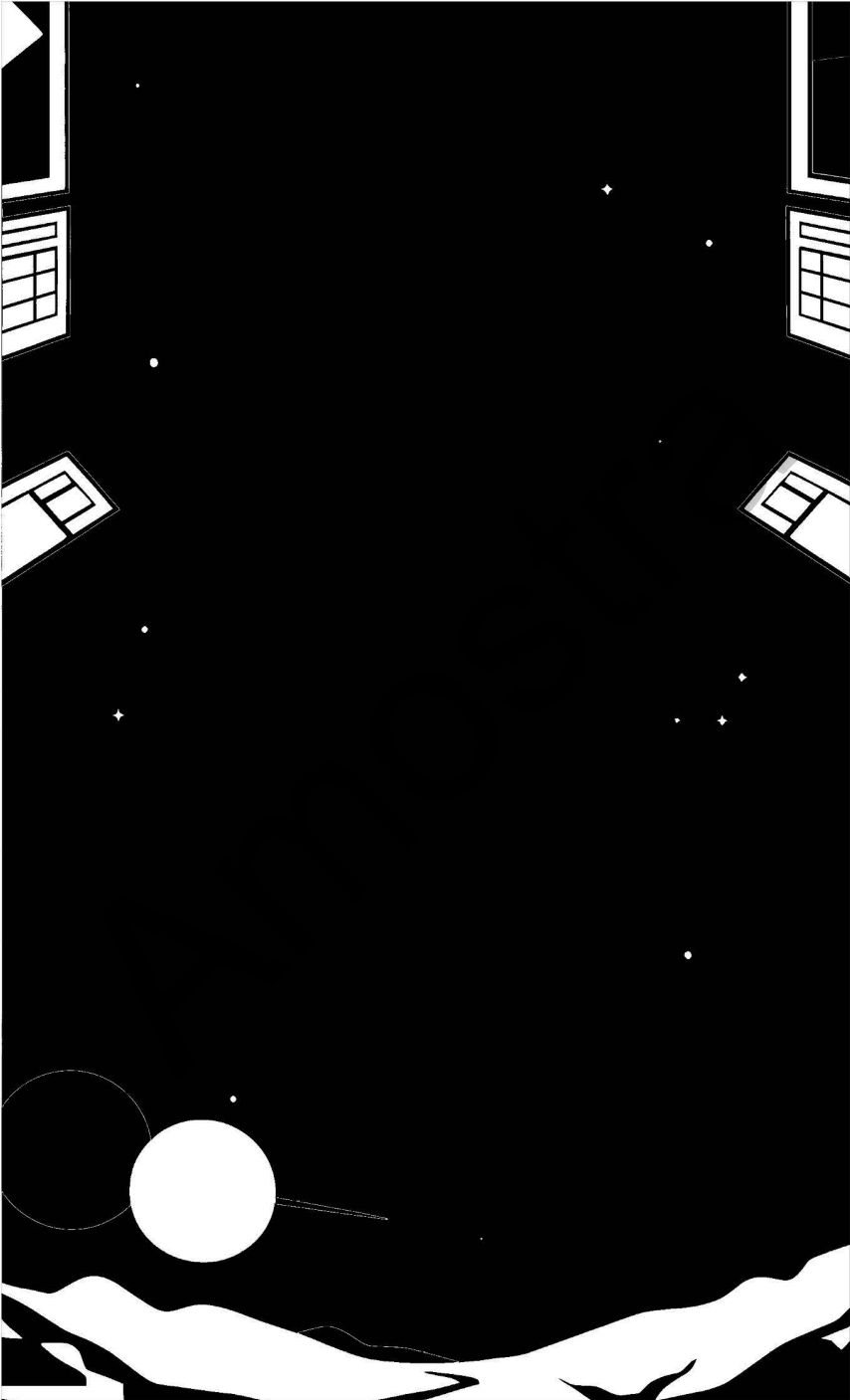
CONTOS E ENSAIOS  
URSULA K.  
LE GUIN

Coleção  
Ciclo Hainish

Tradução  
Marcia Men



MORROBRANCO  
EDITORA



# Sumário

Nota da edição	1
Contos e Ensaios (1973–2002)	
Elogios a Ursula Le Guin e Aniversário do Mundo	2
Elogios a Ursula Le Guin e Um Pescador no Mar Interior	5
Introdução	8
Sobre Não Ler Ficção Científica	
1. Outra História ou um Pescador do Mar Interior (1994)	15
2. Dançando para Ganam (1994)	67
3. A História dos Shobies (1994)	114
4. Amor não Escolhido (1994)	150
5. Costumes da Montanha (1996)	175
6. A Questão de Seggri (1994)	208
7. Solidão (1994)	263
8. O Aniversário do Mundo (2000)	302
9. Paraísos Perdidos (2002) - Parte 1	343
10. Paraísos Perdidos (2002) - Parte 2	411

11. Aqueles que Abandonam Omelas (1973)	473
12. Mais Vasto que Impérios e Mais Lento (1975)	484
13. O Gênero é Necessário? (1976) Revisto (1988)	525

Amostra

# Nota da edição

## CONTOS E ENSAIOS (1973–2002)

Esta edição reúne, pela primeira vez em um só volume, contos, novelas e ensaios de Ursula K. Le Guin publicados ao longo de quase trinta anos. Entre os destaques estão *Aqueles que Abandonam Omelas* (1973), *Paraísos Perdidos* (2002), *A Questão de Seggri* (1994), *Solidão* (1998) e *O Gênero é Necessário?* (1976) *Revisto* (1998).

A coletânea apresenta um panorama abrangente da obra da autora, que articula ficção científica, fantasia e reflexão crítica em textos que exploram questões de gênero, ética, sociedade, alteridade e os limites da experiência humana.

Uma obra fundamental para leitores de ficção especulativa e para quem deseja conhecer a escrita de uma das autoras mais importantes do século XX.

## Elogios a Ursula Le Guin e Aniversário do Mundo

“Como os romances de espionagem de John le Carré ou os faroestes de Larry McMurtry, a obra de Le Guin transcende as limitações usuais do gênero, e esta coletânea não é exceção.”

— *The New Yorker*

“Ela é uma excelente contista... Ficção, como a de Borges, que encontra sua vitalidade nas frestas entre a ficção especulativa e o realismo.”

— *San Francisco Chronicle Book Review*

“A força desta soberba coletânea, característica do trabalho de Le Guin, é que ela ignora o melodrama em favor do verdadeiro drama do cotidiano. Ou seja, Le Guin escreve sobre como o futuro de fato será.”

— *Sunday Oregonian*

“Le Guin é uma escritora de inteligência e sagacidade imensas, uma mestra contadora de histórias, com o humor e a força de um Twain.”

— *Boston Globe*

“Luz estelar em estado puro.”

— *Kirkus Reviews*

“A poderosa obra de Le Guin demonstra que a fantasia não precisa ser escapista, que os estudos de gênero não precisam ser áridos ou estridentes, e que o entretenimento não precisa ser vazio.”

— *The Onion*

“A prosa de Le Guin é tão luminosa e simples, e ela sempre diz a verdade. Quando estou entre seus personagens, estou entre pessoas vivas, em mundos tão sólidos e reais quanto o meu. Le Guin tem um dom: transformar palavras em mundos. Esse dom nunca esteve tão evidente quanto em *Aniversário do Mundo*.”

— Molly Gloss,  
autora de *The Jump-off Creek* e *Wild Life*

“Uma coletânea bela, profunda, irresistível, oito histórias sábias e maravilhosas de uma das grandes mestras da ficção científica.”

— Robert Silverberg,  
autor de *The King of Dreams* e *The Longest Way Home*

“*Aniversário do Mundo* é repleto de muita sabedoria e conhecimento, etnologia, e todo tipo de sexo. A escrita de Ursula Le Guin toca algo ancestral em todos nós, algo atávico, vindo dos contos populares e das sagas, que emerge das profundezas do ser.”

— Carol Emshwiller,  
autora de *Ledoyt* e *Leaping Man Hill*

“‘Beleza’ é a palavra para o que Ursula K. Le Guin realizou aqui. Ela explora maneiras pelas quais podemos ser estrangeiros e estranhos uns para os outros, e ainda assim amar. Às vezes, eu nem sabia por que as lágrimas me vinham aos olhos; só sabia que estava profundamente comovida.”

— Nalo Hopkinson,  
autora de *Brown Girl in the Ring* e *Skin Folk*

“*Aniversário do Mundo* é um livro verdadeiramente notável. Não conheço mais ninguém capaz de fazer o que Le Guin faz. Sua obra é simples e de uma clareza brilhante, como o riso de um Buda: séria em sua alegria, encantada com a piada que é a vida. Le Guin escreve sobre o amor, puro e simples, o amor e todas as formas pelas quais ele se recusa a ser aprisionado, e o faz de forma magnífica.”

— Nicola Griffith,  
autora de *Ammonite* e *Stay*

“A ficção científica de Ursula K. Le Guin é uma antropologia da imaginação. Com telescópio e estetoscópio, ela examina tanto a política mais pública quanto as emoções mais íntimas, desafiando constantemente seus leitores a reconsiderar o que significa ser humano, e ser humano de verdade.”

— Mary Doria Russell,  
autora de *The Sparrow* e *A Thread of Grace*

“*Aniversário do Mundo* é provavelmente o livro mais importante de Ursula K. Le Guin desde *Always Coming Home* (1985), e sua coletânea mais satisfatória desde a primeira, a brilhante *The Wind’s Twelve Quarters* (1975).”

— *Locus*

## Elogios a Ursula Le Guin e Um Pescador no Mar Interior

“Ursula K. Le Guin molda ideias como um ourives: intrincadas, envolventes e confiante. Sua prosa faísca como a luz do sol refletindo na água.”

— *Chicago News*

“Como todos os escritores de grandes ficções, Ursula K. Le Guin cria mundos imaginários que nos leva, de corações leves, para os nossos próprios.”

— *Boston Globe*

“Le Guin tem compaixão e uma confiança endurecida. Ela é absolutamente confiável na invenção e realidades do mundo.”

— Grace Paley

“Seja construindo uma comovente e expressiva história de amor ou articulando um subtexto feminista, não existe exegeta mais elegante ou distinta do que Le Guin.”

— *Kirkus Reviews*

“A obra de Le Guin transcende as limitações usuais de gênero literário.”

— *The New Yorker*

“Uma escritora importante, ponto.”

— *Washington Post*

“Em anos recentes, ninguém na área da ficção científica ou fora dela fez mais para criar uma consciência moderna.”

— *New Republic*

“Uma das mais bem-sucedidas escritoras da ficção científica contemporânea.”

— *New York Times Book Review*

“Le Guin é tão boa quanto qualquer contemporâneo seu em criar mundos, o fantástico ou nós mesmos.”

— *Time*

“Pela pura profundidade de sua imaginação, Ursula K. Le Guin tem poucos rivais na literatura americana atual. [...] Como Borges, ela é uma original, uma contadora de histórias absolutamente singular.”

— Judith Freeman

“A sra. Le Guin tem que ser contabilizada como uma escritora de ficção científica porque a maioria de seus contos dispara em direção ao espaço, mas seu talento em traduzir estados de espírito conhecidos em ações fantásticas a traz mais para perto do antigo campo dos contos de fadas. Ela é a escritora de ficção científica ideal para quem não costuma gostar de ficção científica.”

— *Atlantic Monthly*

“Tudo que Le Guin escreve é interessante, crível, e requintadamente detalhado.”

— *Los Angeles Herald Examiner*

“Ursula Le Guin é mais do que uma escritora de fantasia adulta e ficção científica [...] ela é uma filósofa, uma exploradora nos panoramas da mente.”

— *Cincinnati Enquirer*

Amostra

# Introdução

## SOBRE NÃO LER FICÇÃO CIENTÍFICA

Pessoas que não leem ficção científica, e mesmo alguns daqueles que a escrevem, gostam de presumir ou fingir que as ideias usadas na ficção científica todas surgem da familiaridade íntima com as mecânicas celestes e a teoria quântica, e são compreensíveis apenas para leitores que trabalham na NASA e sabem como programar seus videocassetes. Esta fantasia, embora faça os autores se sentirem superiores, dá aos não leitores uma desculpa. Eu não entendo, eles reclamam, se refugiando nas profundas, confortáveis e anaeróbicas cavernas da tecnofobia. Não adianta dizer para eles que pouquíssimos dos autores de ficção científica “a” entendem. Muitas vezes, nós também descobrimos que temos vinte minutos de *I Love Lucy* e metade de um evento de luta livre em nossos videocassetes quando na verdade queríamos gravar um episódio de *Masterpiece Theater*. A maioria das ideias na ficção científica são totalmente acessíveis e, na verdade, familiares para qualquer um que tenha cursado o sexto ano do ensino fundamental, e, de qualquer forma, você não vai precisar fazer uma prova sobre o que aprendeu no final do livro. No fim das contas, isto não é uma palestra de engenharia disfarçada. E também não é aquela invenção demoníaca da matemática, o “problema de aritmética”. São histórias. É ficção que brinca com certos assuntos por seu interesse, beleza e relevância inerentes

à condição humana. Mesmo em seu nome deselegante e pouco preciso, a “ciência” modifica e se encontra a serviço da “ficção”.

A ideia principal do meu livro *A Mão Esquerda da Escuridão*, por exemplo, não é científica e não tem relação alguma com tecnologia. É um pouco de fisiologia imaginada — uma mudança no corpo. Para as pessoas do mundo inventado chamado Gethen, gênero individual não existe. Elas são na maioria do tempo sexualmente neutras, entrando no cio uma vez ao mês, as vezes como macho, as vezes como fêmea. Um getheniano pode tanto fecundar quanto conceber crianças. Agora, mesmo que esta invenção soe peculiar, ou perversa, ou fascinante para alguém, ela com certeza não requer um grande intelecto científico para entender nem para acompanhar suas implicações à medida que elas se desenrolam na história.

Outro elemento no mesmo livro é o clima do planeta, que atravessa uma era glacial profunda. Uma ideia simples: faz frio; faz muito frio; está sempre frio. As ramificações, complexidades e ressonâncias vêm com o detalhamento da imaginação.

*A Mão Esquerda da Escuridão* difere de um romance realista apenas ao pedir que o leitor aceite, temporariamente, certas mudanças limitadas e específicas da realidade narrativa. Em vez de estarmos na Terra durante um período interglacial em meio a pessoas de dois sexos (como em, digamos, *Orgulho e Preconceito*, ou qualquer romance realista de sua preferência), estamos em Gethen durante uma glaciação, entre andróginos. É bom lembrar que ambos os mundos são imaginários.

As mudanças de parâmetro na ficção científica, ainda que possam ser tanto lúdicas quanto decorativas, são essenciais à natureza e à estrutura do livro; quer sejam exploradas e aprofundadas por interesse próprio, quer sirvam predominantemente como metáfora ou símbolo, elas são desenvolvidas e incorporadas ao romance em termos da sociedade e da psicologia dos personagens, por meio da descrição, da ação, da emoção, da implicação e da imagética.

A descrição na ficção científica tende a ser um tanto mais “espessa”, para usar o termo de Clifford Geertz, do que na ficção realista, que se baseia em uma experiência comum presumida. Mas a dificuldade de compreendê-la não é maior que a de acompanhar qualquer narrativa complexa. O mundo de Gethen é menos familiar, mas, na verdade, infinitamente mais simples do que a sociedade inglesa de duzentos anos atrás que Jane Austen explorou e encarnou com tanta vivacidade. Ambos exigem certo esforço de familiarização, já que nenhum deles pode ser experienciado senão por palavras, lendo sobre eles. Toda ficção nos oferece um mundo ao qual não poderíamos ter acesso de outro modo, seja porque está no passado, em lugares distantes ou imaginários, descreve experiências que não vivemos ou nos conduz a mentes diferentes da nossa. Para algumas pessoas, essa mudança de mundo, essa estranheza, é uma barreira intransponível; para outras, uma aventura e um prazer.

Pessoas que não leem ficção científica, mas que ao menos já lhe deram uma chance, costumam dizer que a acharam desumana, elitista e escapista. Alegam que seus personagens são ao mesmo tempo simplistas e extraordinários, todos gênios, heróis espaciais, super-hackers, alienígenas andróginos, que ela evita aquilo com que as pessoas comuns realmente precisam lidar na vida, e por isso falham em uma função essencial da ficção. Por mais remota que seja a Inglaterra de Jane Austen, as pessoas que vivem nela são imediatamente relevantes e reveladoras; ao lê-las, aprendemos sobre nós mesmos. Teria a ficção científica algo a oferecer além de uma fuga de nós mesmos?

A síndrome dos personagens bidimensionais foi, em grande parte, verdadeira na ficção científica dos primórdios, mas há décadas escritores vêm usando o gênero para explorar o caráter e os relacionamentos humanos. Eu sou um deles. Um cenário imaginário pode ser o mais apropriado para explorar certas

características e destinos. Mas também é verdade que grande parte da ficção contemporânea não é centrada no personagem. Este fim de século não é uma era da individualidade como foram a era elisabetana ou a vitoriana. Nossas histórias, realistas ou não, com seus narradores não confiáveis, pontos de vista que dissolvem, múltiplas percepções e perspectivas, muitas vezes não têm a profundidade do personagem como valor central. A ficção científica, com sua tremenda liberdade metafórica, permitiu que muitos escritores avançassem muito nessa exploração além dos limites da individualidade — verdadeiros *sherpas* nas encostas do pós-modernismo.

Quanto ao elitismo, o problema talvez se encontre no cientificismo: a crença de que vanguarda tecnológica equivale a superioridade moral. O imperialismo da alta tecnocracia equivale, em sua arrogância, ao velho imperialismo racista; para o tecnófilo, quem não está por dentro/conectado, quem não possui os artefatos certos, não conta. São os proletários, as massas, entidades sem rosto. Quer seja ficção ou história, a narrativa não trata deles. A narrativa fala sobre as crianças com os brinquedos bem legais e bem caros. Assim, “pessoas” passa a ser definido, na prática, como aqueles indivíduos que têm acesso a uma tecnologia industrial de crescimento rápido e extremamente elaborada. E a própria “tecnologia” se restringe a apenas esse tipo. Já ouvi um homem dizer, com toda seriedade, que os povos nativos da América de antes da Conquista não possuíam tecnologia. Como sabemos, cerâmica de forno é uma substância que surge do nada, cestos dão em árvores no verão, e Machu Picchu brotou do chão.

Limitar a humanidade aos produtores-consumidores de uma tecnologia industrial complexa e em crescimento acelerado é uma ideia realmente estranha, no mesmo nível de restringir a definição de humanidade apenas aos gregos, ou aos chineses, ou à classe média alta britânica. Fica faltando gente demais.

Toda ficção, no entanto, precisa deixar de fora a maioria das pessoas. Uma ficção interessada em tecnologia complexa pode, legitimamente, deixar de lado os (digamos) tecnologicizados de forma diferente, assim como uma ficção sobre adultérios no subúrbio pode ignorar os pobres da cidade, e uma ficção centrada na psique masculina pode omitir as mulheres. No entanto, tal omissão pode ser lida como uma afirmação de que vantagem é superioridade, ou de que a classe média branca constitui toda a sociedade, ou de que só vale a pena escrever sobre os homens. Declarações morais e políticas feitas por omissão são legitimadas pela consciência de fazê-las, na medida em que a cultura do autor permite essa consciência. No fim das contas, trata-se de assumir responsabilidade. Negar a responsabilidade autoral, optar pela inconsciência, é elitista, e empobrece grande parte da nossa ficção em todos os gêneros, inclusive o realismo.

Não aceito a opinião de que, ao usar imagens e metáforas de outros mundos, viagens espaciais, do futuro, tecnologias, sociedades ou seres imaginários, a ficção científica deixe de ter relevância humana para as nossas vidas. Essas imagens e metáforas, nas mãos de um escritor sério, são imagens e metáforas das nossas vidas, formas legítimas, novelescas e simbólicas de dizer o que não pode ser dito de outro modo sobre nós mesmos, sobre nosso ser e nossas escolhas, aqui e agora. O que a ficção científica faz é ampliar o aqui e agora.

O que você acha interessante? Para alguns, só outras pessoas são interessantes. Há quem não se importe com árvores ou peixes ou estrelas, nem com como funcionam os motores ou por que o céu é azul; são centrados exclusivamente no humano, muitas vezes com o incentivo de sua religião, e não vão gostar nem de ciência nem de ficção científica. Como todas as ciências, exceto a antropologia, a psicologia e a medicina, a ficção científica não é centrada exclusivamente no humano. Ela inclui outros seres, outros modos de ser. Pode tratar de relações

interpessoais, o grande tema da ficção realista, mas também pode tratar da relação entre uma pessoa e outra coisa: outro tipo de ser, uma ideia, uma máquina, uma experiência, uma sociedade.

Por fim, algumas pessoas me dizem que evitam a ficção científica porque ela é deprimente. Isso é bastante compreensível, se por acaso cruzaram com uma sequência de contos morais pós-holocausto, ou com um punhado de moderninhos tentando ver quem se queixa mais alto, ou com uma overdose de Realismo Capitalista no estilo “sleaze-metal-punk-virtual-noir”. Mas a acusação, muitas vezes, acho eu, reflete certa timidez ou melancolia da mente do próprio leitor: um receio da mudança, um receio da imaginação. Muita gente realmente se assusta e se deprime quando tem de pensar em qualquer coisa com que não esteja familiarizada; elas têm medo de perder o controle. Se não for sobre coisas que já conhecem, não leem; se for de cor diferente, detestam; se não for do McDonald’s, não comem. Não querem saber que o mundo já existia antes deles, que é maior do que eles, e vai continuar existindo sem eles. Não gostam de história. Não gostam de ficção científica. Que comam no McDonald’s e sejam felizes no Paraíso.

Agora, tendo falado sobre por que algumas pessoas não gostam de ficção científica, vou dizer por que eu gosto. Gosto da maioria dos tipos de ficção, e geralmente pelas mesmas qualidades, nenhuma delas exclusiva de um único gênero. Mas o que eu gosto sobre e na ficção científica inclui estas virtudes particulares: vitalidade, amplitude e precisão da imaginação; ludicidade, variedade e força metafórica; liberdade em relação aos maneirismos e às expectativas literárias convencionais; seriedade moral; sagacidade; brilho; e beleza.

Deixe-me me apoiar um instante nessa última palavra. A beleza de uma história pode ser intelectual, como a beleza de uma demonstração matemática ou de uma estrutura cristalina;

pode ser estética, a beleza de uma obra bem construída; pode ser humana, emocional, moral; e é provável que seja as três coisas ao mesmo tempo. Ainda assim, críticos e resenhistas de ficção científica muitas vezes tratam a história como se fosse mera exposição de ideias, como se a “mensagem” intelectual fosse tudo. Esse reducionismo prejudica seriamente as técnicas sofisticadas e os experimentos poderosos de boa parte da ficção científica contemporânea. Os escritores estão usando a linguagem como pós-modernistas; os críticos estão décadas atrasados, sem nem discutir a linguagem, surdos às implicações dos sons, ritmos, recorrências, padrões — como se o texto fosse apenas um veículo para ideias, uma espécie de cápsula de gelatina para o remédio. Isso é ingênuo. E ignora completamente o que eu mais amo no melhor da ficção científica: sua beleza.